

Concursos Culturais APMP

VII Concurso Literário
VI Concurso Fotográfico

Diretoria da Associação Paulista do Ministério Público

Biênio 2015/2016

Presidente

Felipe Locke Cavalcanti

1º Vice Presidente

Márcio Sérgio Christino

2º Vice Presidente

Gabriel Bittencourt Perez

1º Secretário

Paulo Penteado Teixeira Junior

2º Secretário

Tiago de Toledo Rodrigues

1º Tesoureiro

Marcelo Rovere

2º Tesoureiro

Francisco Antonio Gnipper Cirillo

Relações Públicas

Paula Castanheira Lamenza

Patrimônio

Fabiola Moran Faloppa

Aposentados e Pensionistas

Cyrdemia da Gama Botto

Prerrogativas Institucionais

Salmo Mohmari dos Santos Júnior

CONSELHO FISCAL

Titulares

Antonio Bandeira Neto

Enilson David Komono

Luz Marcelo Negrini de Oliveira Mattos

Suplentes

José Márcio Rossetto Leite

Pedro Eduardo de Camargo Elias

Valéria Maiolini

DEPARTAMENTOS

Assessores da Presidência

Antonio Luiz Benedan

Antonio Visconti

Arthur Cogan

Herberto Magalhães da Silveira Júnior

Hermano Roberto Santamaria

Irineu Roberto da Costa Lopes

João Benedito de Azevedo Marques

José Eduardo Diniz Rosa

José Geraldo Brito Filomeno

José Maria de Mello Freire

José Ricardo Peirão Rodrigues

Marino Pazzaglini Filho

Munir Cury

Nair Ciochetti de Souza

Newton Alves de Oliveira

Reginaldo Christoforo Mazzafera

Apoio aos Substitutos

Eduardo Luiz Michelan Campana

Neudival Mascarenhas Filho

Norberto Jóia

Renato Kim Barbosa

Apoio à 2ª Instância

Paulo Juricic

Renato Eugênio de Freitas Peres

Aposentados

Ana Martha Smith Corrêa Orlando

Antonio de Oliveira Fernandes

Antonio Sérgio C. de Camargo Aranha

Carlos João Eduardo Senger

Carlos Renato de Oliveira

Edi Cabrera Rodero

Edivon Teixeira

Edson Ramachoti Ferreira Carvalho

Francisco Mario Viotti Bernardes

Irineu Teixeira de Alcântara

João Alves

José Benedito Tarifa

José de Oliveira

Maria Célia Loures Macuco

Reginaldo Christoforo Mazzafera

Orestes Blasi Júnior

Oswaldo Hamilton Tavares

Paulo Norberto Arruda de Paula

Ulisses Butura Simões

APMP - Mulher

Maria Gabriela Prado Manssur

Daniela Hashimoto

Fabiana Dalmas Rocha Paes

Celeste Leite dos Santos

Fabiola Sucasas Negrão Covas

Jaqueline Mara Lorenzetti Martinelli

Compliance

Marco Antonio Ferreira Lima

Convênios

Célio Silva Castro Sobrinho

Condições de Trabalho

Cristina Helena Oliveira Figueiredo

Tatiana Viggiani Bicudo

Coordenador do Ceal

João Cláudio Couceiro

Secretário do Ceal

Arthur Migliari Júnior

Cultural

André Pascoal da Silva

Gilberto Gomes Peixoto

José Luiz Bednarski

Paula Trindade da Fonseca

Esportes

João Antônio dos Santos Rodrigues

Karyna Mori

Luciano Gomes de Queiroz Coutinho

Rafael Abujamra

Estudos Institucionais

Anna Trotta Yaryd

Claudia Ferreira Mac Dowell

Jorge Alberto de Oliveira Marum

Rafael Corrêa de Moraes Aguiar

Eventos

Paula Castanheira Lamenza

Gestão Ambiental

Barbara Valéria Cury e Cury

Luis Paulo Sirvinskas

Informática

João Eduardo Gesualdi Xavier de Freitas

Paulo Marco Ferreira Lima

Jurisprudência Cível

Alberto Camina Moreira

José Bazilio Marçal Neto

Otávio Joaquim Rodrigues Filho

Renata Helena Petri Gobbet

Jurisprudência Criminal

Alfredo Mainardi Neto

Antonio Nobre Folgado

Fabio Rodrigues Goulart

Fernando Augusto de Mello

Goiaci Leandro de Azevedo Júnior

João Eduardo Soave

Luz Cláudio Pastina

Ricardo Brites de Figueiredo

Roberto Tardelli

Legislação

Daniela Merino Alhadeff

Leonardo D'Angelo Vargas Pereira

Milton Theodoro Guimarães Filho

Rogério José Filocomo Júnior

Médico

Luz Roberto Cicogna Faggioni

Ouidor da APMP

Paulo Roberto Salvini

Patrimônio

João Carlos Calsavara
Paulo Antonio Ludke de Oliveira
Sérgio Clementino
Wânia Roberta Gnipper Cirillo Reis

Prerrogativas Financeiras

André Perche Lucke
Daniel Leme de Arruda
João Valente Filho

Prerrogativas Funcionais

Carlos Alberto Carmello Júnior
Cássio Roberto Conserino
Geraldo Rangel de França Neto
Helena Cecília Diniz Teixeira C. Tonelli
Sílvia Reiko Kawamoto

Previdência

Deborah Pierri
Maria da Glória Villaça B. G. de Almeida

Publicações

Aluísio Antonio Maciel Neto
José Carlos de Oliveira Sampaio
José Fernando Cecchi Júnior
Rolando Maria da Luz

Relações com Fundo de Emergência

Gilberto Nonaka
Roberto Elias Costa

Relações Interinstitucionais

Ana Laura Bandeira Lins Lunardelli
Cristiane Melilo D.M. dos Santos
Soraia Bicudo Simoes Munhoz

Relações Públicas

Estéfano Kvastek Kummer
José Carlos Guillem Blat
Rodrigo Canellas Dias

Segurança

Gabriel César Zaccaria de Inellas
José Romão de Siqueira Neto
Walter Rangel de Franca Filho

Turismo

Mariani Atchabahian
Romeu Galiano Zanelli Júnior

DIRETORES REGIONAIS (TITULARES E ADJUNTOS)

Araçatuba

José Fernando da Cunha Pinheiro
Reinaldo Ruy Ferraz Penteado

Bauru

Júlio César Rocha Palhares
Vanderley Peres Moreira

Campinas

Leonardo Liberatti
Ricardo José Gasques de A. Silvares

Franca

Joaquim Rodrigues de Rezende Neto
Carlos Henrique Gasparoto

Guarulhos

Omar Mazloum
Rodrigo Merli Antunes

Piracicaba

Fábio Salem Carvalho
João Francisco de Sampaio Moreira

Presidente Prudente

Valdemir Ferreira Pavarina
Braz Dorival Costa

Ribeirão Preto

Cyrilo Luciano Gomes Júnior
Manoel José Berça

Santos

Sandro Ethelredo Ricciotti Barbosa
Roberto Mendes de Freitas Júnior

São José do Rio Preto

Carlos Gilberto Menezello Romani
Ary César Hernandez

Sorocaba

José Júlio Lozano Júnior
Patrícia Augusta de Chechi Franco Pinto

Taubaté

Manoel Sérgio da Rocha Monteiro
Luis Fernando Scavone de Macedo

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO (TITULARES E SUPLENTE(S))

ABC

Fernanda Martins Fontes Rossi
Adolfo César de Castro e Assis

Araçatuba

Sérgio Ricardo Martos Evangelista
Nelson Lapa

Araraquara

José Carlos Monteiro
Sérgio Medici

Baixada Santista

Maria Pia Woelz Prandini
Alessandro Bruscki

Bauru

João Henrique Ferreira
Ricardo Prado Pires de Campos

Bragança

Bruno Márcio de Azevedo
Carmen Natalia Alves Tanikawa

Campinas

Carlos Eduardo Ayres de Farias
Fernanda Elias de Carvalho

Franca

Christiano Augusto Corrales de Andrade
Alex Facciolo Pires

Guarulhos/Mogi das Cruzes

Carlos Eduardo da Silva Anapurus
Renato Kim Barbosa

Itapetininga

José Roberto de Paula Barreira
Célio Silva Castro Sobrinho

Jundiaí

Mauro Vaz de Lima
Fernando Vernice dos Anjos

Litoral Norte

Luiz Fernando Guedes Ambrogio
Darly Vignano

Marília

Jess Paul Taves Pires
Luiz Fernando Garcia

Osasco

Fábio Luis Machado Garcez
Wellington Luiz Daher

Ourinhos/Botucatu

Renata Gonçalves Catalano
Luiz Paulo Santos Aoki

Piracicaba

Sandra Regina Ferreira da Costa
José Antonio Remédio

Presidente Prudente

Fernando Galindo Ortega
André Luiz Felício

Ribeirão Preto

José Ademir Campos Borges
Daniela Domingues Hristov

Santos

Daury de Paula Júnior
Daniel Gustavo Costa Martori

São Carlos

Neiva Paula Paccola Carnielli Pereira
Denilson de Souza Freitas

São José do Rio Preto

Wellington Luiz Villar
Júlio Antonio Sobottka Fernandes

Sorocaba

Rita de Cássia Moraes Scaranci Fernandes
Gustavo dos Reis Gazzola

Taubaté

José Benedito Moreira
Daniela Rangel Cunha Amadei

Vale do Ribeira/ Litoral Sul

Guilherme Silveira de Portela Fernandes
Luciana Marques Figueira Portella

São João da Boa Vista

Donisete Tavares Moraes Oliveira
Sérgio Carlos Garutti

Tribunal de Contas

Leticia Formoso Delsin Matuck Feres
Rafael Neubern Demarchi Costa

Associação Paulista do Ministério Público

CONCURSOS CULTURAIS APMP

1ª EDIÇÃO



São Paulo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Concursos Culturais APMP / Associação Paulista do
Ministério Público. -- 1. ed. -- São Paulo :
APMP - Associação Paulista do Ministério Público,
2016.

1. Cultura 2. Fotografia - Concursos
3. Literatura - Concursos I. Associação Paulista
do Ministério Público.

16-04204

CDD-306.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia e literatura : Concursos culturais
306.4

ISBN: 978-85-86013-59-1

A COMISSÃO JULGADORA

Concurso Literário 2015

Dr. Estefano Kvastek Kummer

Promotor de Justiça

Dr. José Antonio Remédio

Promotor de Justiça Aposentado

Marcos Palhares

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (PUC-Campinas), atua como jornalista há 20 anos. É assessor de imprensa da APMP.

Concurso Fotográfico 2015

O julgamento dos trabalhos foi feito pelos associados, por votação eletrônica na área restrita do site da APMP, sob a coordenação das jornalistas da APMP Dora Regina Estevam e Paula Dutra.

SUMÁRIO

Apresentação	09
--------------------	----

FOTOS CATEGORIA INSTITUCIONAL

Daniela Dermendjian Duprat Avellar - (1º Lugar) Descanso	13
---	----

José Claudio Zan - (2º Lugar) Pedro Bôtoro	17
---	----

Arésio Leonel de Souza - (Menção honrosa) Beija-Flor	21
---	----

CONCURSO LITERÁRIO - CRÔNICA

Gustavo Zorzella Vaz - (1º Lugar) Coincidências e Reuniões	27
---	----

José Vieira da Costa Neto - (2º Lugar) Gaúcho	33
--	----

André Luiz Bogado Cunha - (Menção honrosa) Olhos Flamejantes	37
---	----

CONCURSO LITERÁRIO - POESIA

Walter Antonio Dias Duarte - (1º Lugar)

Andarilho 43

Sérgio Roxo da Fonseca - (2º Lugar)

Noturno da Rua Estácio 47

Antonio Carlos Bezerra de M. de S. Pacheco - (Menção honrosa)

A Montanha 51

APRESENTAÇÃO

Mais do que competição, concursos valorizam talentos do Ministério Público

Para premiar os vencedores de seus Concursos Culturais em 2015, a APMP escolheu um momento especial: o terceiro dia de atividades do XLIII Seminário Jurídico dos Grupos de Estudos, realizado pela nossa entidade de classe no município do Guarujá (SP). Assim, mais de 100 colegas puderam prestigiar a solenidade de entrega dos prêmios do VII Concurso Literário e do VI Concurso de Fotografia realizada em 11 de dezembro no Casa Grande Hotel, com a presença dos premiados e de seus familiares.

Mais do que uma competição, os Concursos Culturais da APMP configuram-se como estímulo e encorajamento para tornar públicos os valores individuais que transcendem o conhecimento específico e profissional dos colegas da Instituição, para além da atividade fim. A cada edição, o Concurso Literário surpreende pela diversidade dos trabalhos apresentados, confirmando como o dom da redação é cultuado na classe. O mesmo ocorre com o Concurso de Fotografia, que registra a percepção de mundo de Promotores e Procuradores de Justiça.

Com a reunião de todos os trabalhos premiados para registro neste livro, gostaríamos de parabenizar, mais uma vez, os vencedores do Concurso Literário, da Categoria Poesias – Walter Antonio Dias Duarte (1º colocado), Sérgio Roxo da Fonseca (2º) e Antonio Carlos Bezerra de S. Pacheco (Menção Honrosa); e da Categoria Crônicas – Gustavo Zorzella Vaz (1º colocado), José Vieira da Costa Neto e André Luiz Bogado Cunha (Menção Honrosa).

E os vencedores do Concurso de Fotografia, Daniela Dermendjian Duprat Avellar (1ª colocada), José Claudio Zan (2º) e Arésio Leonel de Souza (Menção Honrosa). Com os cumprimentos, também, aos componentes das

Bancas Examinadoras: do VII Concurso Literário, Estefano Kvastek Kummer (Promotor de Justiça), José Antonio Remédio (Promotor de Justiça aposentado) e Marcos Palhares (jornalista); e do VI Concurso de Fotografia, Dora Estevam e Paula Dutra (jornalistas), que selecionaram as imagens após votação direta pelos colegas no site da APMP.

Que este livro sirva, também, como estímulo para mais participantes nas próximas edições dos Concursos Culturais da APMP.

Um grande abraço a todos.

Felipe Locke Cavalcanti

Presidente da Associação Paulista do Ministério Público

Fotos Categoría Institucional

**DANIELA DERMENDJIAN
DUPRAT AVELLAR
1º Lugar**

“Descanso”

Promotora de Justiça de Mongaguá, amante da natureza e da vida.



Descanso

Daniela Dermendjian Duprat Avellar

JOSÉ CLAUDIO ZAN

2º Lugar

“Noite Iluminada”

Nasceu em Vargem Grande do Sul-SP. Formou-se em Direito pela FEOB - Fundação de Ensino Octávio Bastos, de São João da Boa Vista-SP, em 1986.

Trabalhou na iniciativa privada e foi Oficial de Justiça. Ingressou no Ministério Público em 1995. Atuou como Promotor de Justiça Substituto em Limeira e Mococa. Como titular, assumiu as Promotorias de Justiça de Itirapina, Vargem Grande do Sul e São José do Rio Pardo, onde está há 20 anos. Durante o ano 2014 integrou a Equipe de Inspeção da Corregedoria Geral do CNMP nos Estados do Paraná, Goiás e Maranhão.



Noite Iluminada

José Claudio Zan

ARÉSIO LEONEL DE SOUZA
Menção Honrosa

“Beija -Flor”

Procurador de Justiça Aposentado.



Beija-Flor

Arésio Leonel de Souza

Concurso Literário - Crônica

GUSTAVO ZORZELLA VAZ

1º Lugar

“Coincidências e Reuniões”

Nasceu em Bauru, aos 29 de setembro de 1965. Ingressou no Ministério Público em outubro de 1988.

É promotor de Justiça na área cível na cidade de Bauru desde 1996, tendo atuado, ainda, perante a assessoria jurídica da Procuradoria Geral de Justiça de 2009 a 2011. Desde menino faz “poesia pensada”. Já teve textos publicados em jornais, revistas e antologias. Em 2013, publicou seu primeiro livro: “Extremos Intangíveis - poemas e crônicas” pela Editora Joarte de Bauru. É membro efetivo da Academia Bauruense de Letras desde maio de 2014, cadeira 33. É também músico e compositor, tendo por instrumento o violão.

Coincidências e Reuniões

Gustavo Zorzella Vaz

“*Tailleur*” bege, no estilo “reunião de trabalho”. Pele muito branca, contrastando com o esmalte das unhas, impecável, e de cor avermelhada. Sapatos de salto alto finíssimo. Anel de casamento reluzente. Cabelos ruivos, soltos, ainda úmidos do banho matinal. Rosto de traços finos. Perfume floral discreto, mas marcante.

Quando ela adentrou o pavimento inferior do ônibus, foi inevitável que todos os olhos se voltassem em sua direção. Na verdade muitos dos passageiros já a acompanhavam desde o lado de fora do coletivo onde, após guardar a pequena mala no compartimento externo, despediu-se do marido com um beijo. Sentou-se na fileira oposta do corredor, ao meu lado. Teríamos pela frente cerca de quatro horas de jornada com destino à Capital.

Observei-a por algum tempo. Tinha o semblante preocupado, o cenho franzido, uma ansiedade latente. Não parava de teclar o celular, enviando e recebendo mensagens. Certamente ia a trabalho, pensei, gozando a minha condição de viajante veranista.

Pela metade da viagem, o comissário rodoviário - que nos servira um reconfortante café durante o trajeto - anunciou uma parada programada no confortável posto de estrada, onde ao lado funciona uma ampla loja de móveis e decorações. Todos se apuraram e, assim que o veículo parou, saltei. Ela, no entanto, não desceu.

Ao voltar, estranhei sua ausência. O serviço de som do posto anunciou a última chamada. Nada. O motorista ligou o ônibus, cerrou a porta e começou a movimentar o carro em marcha ré. Rapidamente me dirigi até a cabine e adverti que faltava uma passageira, ao que o comissário que o acompanhava respondeu:

- A moça desceu com a bagagem no posto mesmo.

Curioso, quando o comissário passou pelo corredor, perguntei-lhe o valor da passagem daquele trajeto que a moça fizera:

- Não tem – disse-me o funcionário. É preciso pagar o valor da passagem até São Paulo.

Se não era possível comprar somente aquele percurso, o que levaria a ruiva a descer no meio da viagem? Passara mal? Não. Nesse caso, o funcionário teria dito. Poderia ter vindo fazer compras na loja de móveis. Mas como então se explicava a mala que trouxera? Teria algum parente em cidade próxima? Outras hipóteses me torvelinharam a mente por alguns momentos após o que me repreendi por aquela invasão da privacidade alheia. Ora, isso não era da minha conta. Nem conhecia a moça e estava ali sentado, bisbilhotando a seu respeito. Falta do que fazer. Tentei de esquecer o assunto.

No dia seguinte, na volta, uma coincidência: o motorista era o mesmo da viagem de ida. Mal sabia eu que outra muito mais interessante estava por vir.

Acomodei-me em meu assento – o mesmo do dia anterior, na parte inferior do ônibus. E qual não foi a minha surpresa quando ela adentrou o carro e se dirigiu para a mesma fileira, num lugar um pouco mais à frente do que viera. Sim, era ela, a ruiva. Embarcando de São Paulo. Mas como? A mesma, de pele branquíssima, cabelos úmidos, salto alto e perfume. Desta vez, envolta num leve vestido florido. O semblante não era mais de preocupação. Parecia tranquila. Sorridente.

Logo que o ônibus saiu, pegou o celular e ligou para o marido:

- Não amor, não me espere para o almoço. A reunião de ontem foi muito cansativa. Estou um caco, estourando de dor de cabeça.

- Eu te pego na rodoviária então – respondeu ele. Agora preciso desligar que vou entrar numa reunião.

- Não, não, não! exclamou enfática. Eu pego um táxi e vou direto para casa descansar - insistiu ela. Não quero te dar trabalho. Te amo, beijo.

E a partir daqui, caro leitor, passo a ter uma visão mais ampla dos fatos. Vejo o marido também. Ele desligou o celular, soergueu-se, olhou para o lado da cama e mirou as coxas de sua “reunião”, uma morena escultural que atende pelo nome de Maithê, e pensou como armara tudo com perfeição, a esposa nunca desconfiaria. Era um gênio. Ele era o cara. Mas amava a esposa e não conseguiu deixar de sentir uma ponta de remorso. Olhou então para a aliança de casamento no dedo e a beijou.

No ônibus, a ruiva também desligou o celular. Por alguns instantes, ficou olhando para cima, como que recordando. Sorriu e deu um longo e ruidoso suspiro. Então lentamente, num gesto quase ritualístico, abriu a pequena bolsa Vítor Hugo, tirou de dentro a aliança de casamento e recolocou-a no dedo anelar esquerdo.

Sem remorso algum.

Cabo Martim

JOSÉ VIEIRA DA COSTA NETO

2º Lugar

“Gaúcho”

Nasceu em Votuporanga em 11 de novembro de 1963. Ingressou no Ministério Público em dezembro de 1986. É promotor de Justiça.

Gaúcho

José Vieira da Costa Neto

Cavalo bom não tem preço e não se vende. Se for vendê-lo, por um motivo outro, que venda a um amigo. Foi assim que comprei o Gaúcho do “Zé Aduino” entre 2002 e 2003. “Eta” cavalo bom. Era baio de crina e rabo pretos. Enorme, pesava mais de 600 quilos e, para os pequenos, era preciso de apoio para montá-lo. Seu único defeito era às vezes deixar-me a pé em algum canto da fazenda, pois, se fosse solto, corria de volta ao curral. Quantas e quantas vezes, ao abrir uma porteira e soltá-lo, tive que voltar a pé. Ele era meu companheiro de trabalho. Todo o arrendamento era ele o escolhido para as atividades de fora da fazenda, pois permitia que fosse pego em qualquer lugar do pasto. Nesses arrendamentos, na maioria das vezes eu ia só e ele também ficava só, junto com o gado. Quando nos encontrávamos eu tinha alegria, pois ele acalentava o meu medo de chegar sozinho naqueles locais abandonados. “Ô Gaúcho, você está aí?”, eu sempre dizia. Ele vinha ao meu encontro, com certeza com a mesma alegria que eu tinha, ou, por ser muito esperto, em busca da ração que nunca lhe deixei faltar. Se tivesse montado você naquela fria tarde de 04 de agosto de 2011 com certeza não tinha quebrado o pulso. Eu pensei que a égua Roxa voasse como você. Eu imaginei que todos os cavalos pudessem voar como você, quando tentei voar com Roxa nas curvas das invernadas para cercar as novilhas. Você era único e voava! Voava mesmo! Sobre os buracos, cupinzeiros, curvas de níveis. Nunca caiu ou tropeçou. Naquela tarde tentei poupá-lo, pois sabia que você era o mais usado da fazenda. Cavalo bom e manso é sempre assim, é o mais sacrificado. Você ficou doente. Veja só, um bruta monte como você ficar doente! Deve ter tomado um coice das éguas no cocho, que feriu sua pata esquerda. Reconheça, você era guloso, queria comer sozinho a ração. 17 dias depois que apareceu mancando, 20 de março de 2012, quando a Natália ainda torcia o meu braço nas sessões de fisioterapia, recebi o recado que você estava com tétano. Fechei a cara e aguen-

tei a dor das torcidas do braço, uma verdadeira tortura, sem reclamar, pois sabia que sua dor era infinita e maior que a minha. Eu já sabia que iria perdê-lo. Tétano não tem jeito. À noite, com a veterinária e o Ronaldo vi você estático. Não mexia nem as orelhas de cavalo esperto, mas estava firme e imponente como sempre foi. O seu sacrifício doeu em todos nós, especialmente no “Vardim”. Sedado, dormindo e roncando pelo efeito dos sedativos, você não queria ir galopar nos campos maiores. Não aceitou as drogas da eutanásia e permaneceu ali, respirando, sem sofrer, mas sedado e dormindo. Você queria ficar eu sei, mas não tinha alternativa Gaúcho. Desculpe-me. Você iria sofrer muito. Por ironia do destino, o golpe fatal coube justamente a mim, seu admirador maior. Ao vê-lo ali, prostrado e já sem vida, relembrei da sua força, da sua coragem – só você enfrentava as nelores paridas nervosas. Tudo havia se esvaído, estava acabado, não havia mais jeito. É assim mesmo: um dia tudo se acaba, tudo se esvai... Pensei na minha força e coragem de hoje... A fazenda ficará vazia sem você! Há homens únicos e para mim houve um animal único. Agora, faça o que você sempre gostou de fazer: galope e voe em paz nos campos maiores do infinito.

08h00min, 21 de março de 2012.

ODISSEU

ANDRÉ LUIZ BOGADO CUNHA

Menção honrosa

“Olhos Flamejantes”

Nasceu no dia 21 de dezembro de 1961. É formado em letras pela Universidade de São Paulo-USP, com licenciatura pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-USP e em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco-USP. Foi professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em diversas escolas públicas e particulares e há 21 anos é promotor de Justiça no Estado de São Paulo.

Olhos Flamejantes

André Luiz Bogado Cunha

A primeira vez que a vi estava sentada na lateral do vagão, bem de frente para mim. Junto a ela, uma senhora vestida de preto, com ar austero, que deduzi ser sua mãe. Ia ao trabalho, com o pensamento distante, até o momento em que nossos olhares se cruzaram. Depois, não consegui desviar-me dela. Tinha olhos verdes profundos, cabelos de Alice e rosto angelical. Frágil, de movimentos delicados e lentos, sorria com elegância e simpatia. Parecia ser muito jovem e certamente não passava dos vinte.

Os dias que se seguiram não foram mais os mesmos para mim; não conseguia tirá-la da minha mente e aguardava, ansioso, a hora de embarcar na composição. Sempre no mesmo horário e lugar. E ali estava ela, sentada, com a senhora de preto ao lado. Seus lábios traçavam sorrisos suaves, que duravam vários minutos e a conversa entre elas era entremeada por breves instantes de silêncio. Nestes momentos ela levantava a cabeça e seus olhos se fixavam em mim. Já não conseguia disfarçar a alegria que tomava conta do meu coração quando nossos olhares se encontravam. Procurava transmitir tudo que estava sentindo naquele diálogo mudo, que era só nosso. Não ousava lhe dirigir uma única palavra, pois não queria quebrar o encanto e a magia daqueles momentos.

Havia um segredo em seu coração, do qual os olhos eram a vitrine. Tinha certeza disso e também de que iria desvendá-lo. Já não conseguia disfarçar: o meu dia se resumia àqueles breves instantes dentro do vagão, tudo mais perdeu sentido. Tinha de admitir que estava apaixonado, perdidamente apaixonado e sequer sabia o nome da minha amada. Passei a chamá-la de Olhos Flamejantes. Não havia definição melhor.

O tempo escoava rapidamente. Muito embora meu espírito ansiasse por maiores informações, faltava-me a coragem de abordá-la. Precisava ir fundo nos seus segredos. O seu olhar já não era mais suficiente para saciar a minha sede de amor. Não sabia sequer de onde vinham, pois quando entravam no trem, elas já estavam sentadas naquele lugar

e, quando descia para trabalhar, elas ali permaneciam. Decidi que no dia seguinte iria descer com elas, ver para aonde iriam e depois arrumar um jeito de me aproximar.

Naquela noite não dormi, tal a minha ansiedade. Pior ainda foi quando embarquei no trem e não as vi sentadas no lugar de sempre. O desespero tomou conta de mim. Percorri toda a composição em busca de Olhos Flamejantes e de sua mãe, mas não as encontrei. Não conseguia mais pensar em nada, não tinha condições de trabalhar ou de fazer qualquer outra coisa. Voltei para casa culpando-me por não tê-las abordado antes, acusando-me de ser um grande covarde. Mas aos poucos a esperança voltou a tomar conta do meu coração. Quem sabe, no dia seguinte, tudo não voltaria ao normal? Talvez elas tivessem se atrasado ou acontecido qualquer imprevisto. O fato de não tê-las visto não tinha significado algum. Nada como o amanhã. Adormeci com a alma banhada pela esperança.

Hoje acordei satisfeito, arrumei-me com zelo, decidido a mudar o rumo da minha vida e certo de que voltarei a encontrá-las. Já não posso esconder a ansiedade que toma conta de mim. A estação parece distante, a plataforma de embarque mais longe ainda e o trem que demora tanto a chegar! Minutos passam vagarosos, parecem horas. Entro na composição com passos lentos, a respiração ofegante, mas sinto um alívio indescritível quando as vejo sentadas no lugar de sempre. Acomodo-me como posso, no banco de frente a elas. Nada mudou, a não ser a minha decisão de acompanhá-las depois do desembarque, de me aproximar e, finalmente, saber o verdadeiro nome de Olhos Flamejantes.

As estações se sucedem, pessoas entram e saem do trem e elas continuam defronte de mim. Até que, finalmente, chega o lugar aonde irão desembarcar. Começam a se movimentar vagarosamente; vejo que para descer ela pega na mão da mãe, que abre a bolsa e dali retira alguns objetos. Entrega-lhe óculos escuros e desdobra uma bengala de alumínio. Seus movimentos são curtos e silenciosos. Ela sai da composição apoiada nos braços da mãe. Já na estação, com a bengala, traça semicírculos no solo e se afasta lentamente, levando consigo todos os meus sonhos.

Concurso Literário - Poesia

WALTER ANTONIO DIAS DUARTE

1º Lugar

“Andarilho”

Procurador de Justiça Aposentado. Advogado da área criminal. Classificado em alguns concursos literários anteriores da APMP, com duas menções honrosas, um terceiro lugar e um segundo lugar.

Andarilho

Walter Antonio Dias Duarte

Vasculhei minha trouxa de mendigo,
passei a examinar tudo o que trago.
Sozinho, e tendo a noite por abrigo,
olhei-me nos remendos dos meus trapos.

Uns restos de lições sobre uma Cruz
que se encontram puídas no meu fardo.
Da infância, esses pedaços já sem luz,
envoltos por lembranças de alguns cardos.

Bastante enferrujadas pelo tempo,
as malhas de uma insípida moral,
cruel, aprisionou meus sentimentos,
levo tantos remorsos no bernal.

Migalhas de coragem, muito medo,
o mapa de uma estrada que é sem meta,
um pouco, quase nada, um arremedo
de uma verve vesana de poeta.

Eu devo ter perdido no caminho
a esmola que pensei felicidade.
Só encontrei os fiapos do carinho
de um doce desejado, e uma saudade.

No balanço do vento é que me embalo,
a alma com artrose e solidão,
que ferem, mesmo assim sempre me calo,
já velho...a manquejar na escuridão.
(Pardal)

SÉRGIO ROXO DA FONSECA

2º Lugar

“Noturno da Rua do Estácio”

O autor nasceu em Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro no dia 18 de janeiro de 1938.

Filho de Dante Fonseca e Maria Amélia Roxo Fonseca. Desde a primeira infância mora em Ribeirão Preto.

Fez o primário no 2º Grupo Escolar Fábio Barreto. Matriculou-se no Seminário Arquidiocesano Maria Imaculada de Ribeirão Preto, onde permaneceu internado durante três anos. Fez o curso secundário no Instituto de Educação Otoniel Mota de Ribeirão Preto e no Colégio Macedo Soares de Volta Redonda. Bacharelou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1963, tendo sido o orador da turma. É mestre, doutor e livre docente pela UNESP Universidade Estadual Júlio de Mesquita Neto, em cuja Faculdade de Direito ministrou cursos de Direito Constitucional, Direito Administrativo, Direito Civil e Lógica Jurídica. É membro da Academia Ribeirãopretana de Letras, cadeira de Gonçalves Dias.

Foi o segundo colocado no Primeiro Concurso de Contos da APMP - Associação Paulista do Ministério Público. Foi o primeiro colocado no III Concurso de Contos convocado pela APMP - Associação Paulista do Ministério Público. Foi o primeiro colocado no IV Concurso de Contos convocado pela APMP - Associação Paulista do Ministério Público. É casado com a Ana Maria. É pai de Taís, do Gustavo José e Fernando Henrique. É avô da Marina, do Pedro, do Antônio, do João, do Tiago, da Sofia e da Maria Clara. A Marina é corintiana. Todos os demais são são-paulinos, como o avô. Foi Promotor de Justiça titular de Jardinnópolis, de Sertãozinho, de Ribeirão Preto, de São Bernado e de São Paulo, encerrando sua carreira no Ministério Público como Procurador de Justiça.

Noturno da rua do Estácio

Sérgio Roxo da Fonseca

Luz que acende, luz que apaga,
brincando de pique no ventre da noite,
acende um cigarro, apaga uma vida,
no silêncio esquisito da Rua do Estácio.
Mulher magra, mulher pintada,
lábios sangrentos, costas de fora,
de pernas de fora , de braços que chamam,
correndo do homem, fugindo da chuva.

Mas chuva não molha
na Rua do Estácio.

Chuva miúda, chuva serena,
Chuva que para na altura do poste,
Refratando murmúrios, ocultando sons,
Com medo talvez de chegar junto ao chão.

Mas chuva não chega
na Rua do Estácio.

Gente escondendo nos cantos da noite,
escapando da luz, fugindo das sombras,
cortando os olhos, mordendo os lábios,
que esperam sorrir, que querem chorar
Abre a janela, cerra a cortina,
Acenando de longe, cantando a canção,
Penetrando no éter, varando a chuva,
Desvendando a noite, procurando o dia.

Mas o dia não chega
na Rua do Estácio.

Nos cantos da rua, pessoas ocultas,
que fogem nas sombras, buscando a penumbra,
procurando o amor, o amor que sumiu
que sumiu no escuro,
brincando de pique no ventre da noite,
no silêncio esquisito da Rua do Estádio.

ANTÔNIO CARLOS BEZERRA DE MENEZES DE SOUZA PACHECO

Menção Honrosa

“A Montanha”

Nasceu em 29 de agosto 1949, residente na cidade de Itatiba -SP. Aposentado desde 2009; Moji-Mirim, São Pedro, Itatiba, Jundiá e São Paulo foram as cidades nas quais exerceu suas funções; já foi premiado em um concurso de literatura infantil; afortunadamente, é casado, pai de três filhos e avô de três netos.

A Montanha

Antônio Carlos Bezerra de M. de S. Pacheco

Não subi a montanha a que me propus
Trago um punhado de terra em minhas mãos
Que mal cabe num vaso simples, de barro
E nem sei o que nele plantar.

Mas a esperança nunca deserta de mim
E a fonte de água fresca nunca seca em meu peito.
Alta a montanha
Tão alta daqui de baixo
A montanha que eu não escalei.

Mas a esperança,
Acreditem, é como um balão
Mágico e denso
Em meio às nuvens
Tão alto
Mais do que as altas montanhas.

A esperança é minha força
É meu impulso
Com ela eu posso voar
Não sou inseto rasteiro
Sou águia
Pássaro modesto quiçá
Sou aquele tripulante do balão
Que acena para as nuvens
E dorme sob as estrelas.

Composto e Diagramado pelo
Departamento de Publicações da
Associação Paulista do Ministério Público
Rua Riachuelo, 115 - 11º andar - Centro
01007-000 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3188-6464



Gestão
2015/2016